

TRAÇOS E TROCAS: BELÉM EMBALANDO MÁRIO DE ANDRADE

Paulo Nunes¹
Universidade da Amazônia

RESUMO: Pouco explorada é a relação afetivo-cultural estabelecida por Mário de Andrade com Belém, quando de sua antológica viagem de 1927. Sabe-se do amor do poeta arlequinal pela sua Paulicéia, mas pouco se escreveu sobre Mário em Belém. Esta investigação, que não é inédita, abre caminho para reorientar a visão que coloca Belém como uma das capitais mítico-literárias do Modernismo brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Multiplicidade; afeto; cidade; alteridade; Belém; Mário de Andrade.

RÉSUMÉ: Le voyage de Mário de Andrade à Belém.

MOTS-CLÉS: Multiplicité; affection; ville; alterité; Belém; Mário de Andrade.

*dedico ao João Luís Lafetá, que, prematuramente, foi
conhecer as estrelas da Ursa Maior de Macunaíma.*

*“Depois de Belém do Pará, a cidade que mais amo é Flo-
rença. São Paulo... Não. São Paulo é outra coisa, não é
amor exatamente, é identificação absoluta, sou eu...”²*

Mário de Andrade em carta a Paulo Duarte

*Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
As sensações renascem em si mesmas sem repouso,
ôh espelhos, ôh! Pirineus! ôh caiçaras!
Si um deus morrer, irei ao Piauí buscar outro!...
Abraço no meu jeito as melhores palavras,
E os suspiros que dou são violinos alheios;*

¹Paulo é Mestre em Letras pela UFPA, é professor de Literatura da Amazônia da Universidade da Amazônia, Belém-Pa. Este trabalho foi inicialmente provocado pela minha participação do IV Fórum Paraense de Letras, Belém, Unama, 1998.

² Mário de Andrade em carta a Paulo Duarte.

*Eu piso a terra como quem descobre um furto
 Nas esquinas, nos táxis, nas marainhas seus próprios beijos!
 Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta...*

O excerto transcrito dá a dimensão do intelectual que foi Mário de Andrade: vário, sensível, aberto destruidor de fronteiras culturais. O texto *des-vela* a multiplicidade do poeta desdobrando-se a fim de alcançar com seus tentáculos as sensações do mundo: “*as sensações renascem em si sem repouso...*”. Repouso, diz-nos o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*: *é ato ou efeito de repousar; ancoradouro*. Nosso poeta arlequinal não se via em estado de repouso. Tudo tinha ele para ser um conformado, um intelectual vaidoso, fechado às quatro paredes de sua São Paulo metrópole emergente, mas dada sua discreta inquietação, sua busca permanente da alteridade, ele “*pisa a(s) terra(s) como quem descobre um furto...*”. Mário era *ele-tão-somente* e mais duzentos, trezentos e quarenta e nove; um milhão de seres nele se desdobravam.

Mário dispensa apresentações, tem em si o emblema da poesia. Parodiando outro poeta (este das Minas Gerais, Bartolomeu Queirós), Mário é a junção, por aglutinação poética, de *Mar e Rio*: doce e salgado, Amazonas e Atlântico (observe, leitor, que Belém localiza-se na confluência do rio-mar com o Atlântico!). Mário é ele em busca do outro. A outridade³, por sinal, marcaria sua necessidade permanente de ser viajante; viagens que se desenhariam através da imaginação nas páginas da literatura ou do percurso de embarques e desembarques por este Brasil afora. Num desses deslocamentos, Mário Chegou a Belém, à Amazônia, mas isto fica para logo mais.

* * * * *

Entre dezembro de 1920 a dezembro de 1921, Mário, como é sabido, escreveu sua Paulicéia Desvairada, uma espécie de síntese-

³ Vide em meu artigo “Para conceituação e caracterização da literatura amazônica”, a supremacia da alteridade de Mário em “Dois Poemas acreanos”, revista *Movendo Idéias*, ed. Unama: 1998.

afetivo-sentimental pela *senhora* São Paulo, cidade de seus amores e encantos. Em “Paisagem no. 1”, por exemplo, ele destila seu verbo:

*“Minha Londres das neblinas finas...
 Pleno verão. Os dez milhões de rosas paulistanas.
 Há neves de perfumes no ar.
 Faz frio, muito frio...”*

Mas é em “Inspiração” que sentimos com todos os matices sensoriais a inspiração de sua vida de artista polichinelo. Senão leiamos:

*“São Paulo! comoção de minha vida...
 Os meus amores são flores feitas de original!...
 Arlequinal!... Trajes de losângulos... Cinza e ouro...
 Luz e bruma... Forno e inverno morno...
 Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...”*

Percebamos que entre os dois amantes, o poeta e sua cidade, há um sereno clima de admiração e embevecimento. O eu-lírico delata-se embevecido pela “*comoção de sua vida*”. Tudo são “*Elegâncias sutis sem escândalos*”, e “*sem ciúmes...*”

Vocês devem então perguntar a mim: mas não irias falar de Belém, e só de São Paulo falas? É, acontece que o que vou tentar demonstrar é um caso de infidelidade *lítero-sentimental*. A viagem pelo Brasil, empreendida pelo *turista aprendiz* Mário, em 1927, fez com que ele chegasse a Belém, portal da região amazônica, e isto motivou o que aqui chamo de *infidelidade lítero-sentimental*.

Mário de Andrade, de tantos quilômetros rodados por este Brasilzão, chega a Belém e instala com esta cidade a mais comovente paixão (não descarto que neste sentimento há um quê de exotismo no olhar do visitante, sobretudo em *O Turista aprendiz*). Abro estes parênteses para refletir com vocês sobre este sentimento abrasador, avassalador. O que, afinal, faz-se mais intenso? A paixão ou o amor? Paixão e amor, ao que me parece, são chamadas diferenciadas diante da enamoração do cosmo⁴. Vejam que Mário e Belém não instalam “um flerte” à base do amor à prima vista. O encantamento, ao que

parece, surge, como diria Dalcídio Jurandir, devagarinho-devagarinho. Assim, Mário de Andrade escreve — pós-viagem — um poema que captura a admiração: a “Moda do Alegre Porto”, que é, no dizer do próprio autor, “alegre e besta, sem nada de importante”. O poema está assim grafado:

*“Velas encarnadas de pescadores
Velas coloridas de todas as cores
Águas barrosas de rios mares*

*Mangueiras mangueiras palmares palmares
E a barbadianinha que ficou lá fora
Oh alegre porto
Belém do Pará!*

*(...) Vamos ao mercado, tem munguzá
Vamos na baía, tem barco veleiro
Vamos nas estradas que têm mangueiras
Vamos no terraço beber guaraná*

*Que alegre porto
Belém do Pará!*

*O sol molengo do pouso ameno
Calorão batendo que nem um remo
Que gostosura de dormir de dia
Que luz que alegria que monotonia
É a barbadianinha que ficou por lá*

⁴ Em verdade, Belém é apenas o primeiro pretexto no projeto de reconhecimento da Amazônia pelo autor paulistano. Polêmicas à parte, vale recorrer a Telê Ancona Lopez: “Mário é nacionalista sem ufanismo, triste perante nossa alienação e amorosíssimo ao constatar a vigência de uma lógica diferente, sensível e poética, o oposto à rigidez do pensamento cartesiano. A Amazônia o seduz com o ritmo de contemplação que adivinha pronto para dialogar com a valorização do ócio criador dos poetas clássicos e a captação sem pressa da vida, conforme Lao-Tsé. Ritmo oposto ao da “vida americana”, no modernismo entusiasta do século XX...” (Lopez: 1996, p. 96-7).

Oh Alegre porto...

*Lá se goza mais que em New York ou Viena
Só cada grelada de cada pequena
De tipo mexido inque-brasileiro
Alimenta mais que um açazeiro
Nosso gosto doce de homem com mulher
No Pará se pára, nada mais se quer
Prova tucupi, tacacá...*

*Oh alegre Porto
Belém do Pará!...”*

Trata-se — como se vê — de um poema emocional. O poeta arlequinal não preocupa-se com o artesanato do poema. Ele grafa sob fortes emoções — e as circunstâncias da chegada à capital do Pará — o que sentiu e viu em Belém. Isto, penso, está evidente sobretudo pelo uso abundante de adjetivos e o desprezo quase total pela pontuação gramatical. Vê-se que a escassez de vírgulas do poema denota o ritmo e a cadência irregulares, uma respiração ofegante, de pulsação amorosamente demarcada. Hoje, talvez, pudéssemos afirmar que estamos diante de um poema regionalista, não é mesmo?

* * * * *

Vocês que me lêem podem estar me considerando um mero saudosista. Por que afinal deveria um professor do final do século XX, cultivar textos do início do século? Eu responderia de diversas maneiras se espaço e tempo tivesse para isso. Mas por enquanto afirmo apenas que algumas das marcas afetivas dos textos de final de 20, ainda podem ser (re)conhecidas em ícones desta cidade maltratada, espoliada, desgostada.

Belém, após o Modernismo de 22, sabe-se, transformou-se em um dos berços míticos da literatura nacional, espaço de ternuras, imagens e imaginações fecundas. Se não, como explicar o fato de três das principais referências modernistas brasileiras

escolherem Belém como espaço de encantamento de seus livros? Além de Mário, temos também, Manuel Bandeira, o *São João Batista* do movimento de 22, e Raul Bopp, que por aqui andou diversas vezes, participando das reuniões do Central Café, hoje inexistente, ouvindo, aprendendo e recolhendo o tema para o fundamental *Cobra Norato*.

Explico-me ainda mais. Quando vejo minha cidade suja, maltrapilha, malsinada, pergunto-me se não está na hora de *virar a mesa*? Verdade é também que deixar esta virada na mão apenas dos governantes é imprimir um destino cada dia mais trágico para a cidade. Por isso, vale dizer uma coisa dolorosa mas verdadeira. O belenense não tem *estima cidadã*. Ele olha os vizinhos elogia o que foi feito fora, mas é incapaz de fazer o mínimo pelo sua própria cidade. Ou seja, joga lixo nas ruas, avança os sinais vermelhos, picha paredes de prédios, deixa destruir casarios, não pressiona para que sociais, essenciais projetos, saiam do papel, depreda escolas públicas, enfim, não faz a parte que lhe cabe: ignorância? Desafeto? Desse modo, ao divulgar aos moradores da cidade textos paradigmáticos de grandes autores da literatura brasileira, como faço agora, pretendo um repensar coletivo sobre o futuro desta Santa Maria de Belém do Grão Pará.

* * * * *

Tal proposta — de cura através do verbo encantatório — que pode parecer ingênua, não é nova. Scherazade, personagem do instigante *As Mil e uma Noites*⁵ (Ediouro), curou o sultão Xariar com sua astúcia verbal. Nossas curandeiras também curam com o poder das palavras (vide as ervateiras e vendedoras de cheiro do Ver-O-Peso). Bruno Bethelreim, em *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (Paz e Terra), cura seus pequenos clientes utilizando-se dos contos de fada. Charles Dieckman, por sua vez, o faz com pacientes adultos, e esta experiência está registrada em *Contos de Fadas Vividos* (Paulinas). Seguindo esta trajetória, conheçamos então mais

Mas que a edição supracitada, vale ler o famoso ensaio de Adélia Bezerra de Menezes, in *Do Poder da Palavra*: “Scherazade ou do poder da palavra”.

um capítulo da possível cura, do mestre Mário de Andrade, registrada que está em *O Turista Aprendiz*:

Belém, 19 de maio: Durante a noite o Pedro I aportou em Salinas(...) Que posso falar dessa foz tão literária e que comove tanto quando assuntada no mapa?... Aimensidão das águas é tão vasta, as ilhas imensas no demais ficam no longe fraco que a gente ão encontra nada que encante (...) Mas quando Belém principia diminuindo a vista larga a boniteza surge outra vez. chegamos lá antes da chuva e o calor era tanto que vinha dos mercados um cheiro de carne-seca. Os barcos sentados no cais do Ver-o-Peso sacudiam as velas roseadas azuis negras se abanando com lerdeza. Esperavam por nós dois automóveis da Presidência prontinhos pra batalha de flores (...) Belém andara indagando nossos gostos e mantinha de boroeste do hotel, um cinema [o Olympia]. Fomos ver Willian Feirbanks em Não Percas Tempo. Filme horrível A noite dormiu feliz.

20 de maio: Passeio sublime pelo mercado. Provamos tanta coisa (...) ficamos empanturrados. Tudo em geral gostoso, muita coisa gostosíssima, porém fica sobrando uma sensação selvagem não só na boca: no ser. Devia ter feito esta viagem com menos idade e menos experiência(...) visita oficial e jantar íntimo com o presidente. Íntimo? Falei que tudo era lindo (...) Depois visitamos a igreja famosa de Nazaré, a esplêndida catedral, em frente o Arcebispo. E os passeios no Sousa, de automóvel. Não sei, adoro voluptuosamente a natureza, gozo demais porém, quando vou descrever, ela não me interessa mais. Tem qualquer coisa de sexual no meu prazer das visitas e não sei como dizer. Belém, 20 de maio:... estou lustroso de felicidade.

Belém é a cidade principal da Polinésia. Mandaram vir u'a imigração de malaio e no vão das mangueiras nasceu Belém do Pará. Engraçado 'que a gente a todo momento imagina que vive no Brasil mas é fantástica a sensação de estar no Cairo que se tem. Não posso atinar porque... Mangueiras, o Cairo não possui mangueiras evaporando nas ruas... Não possui o sujeito passeando nas ruas com um porco-do-mato na correntinha... E nem aquele indivíduo

*que logo de-manhã pisou nos meus olhos, puxa comoção!
Inda com rabo da sobrecasaca abanando... Dei um salto
pra trás e fui parar nos tempos de dantes (...)*

*23 de maio: Belém me entusiasma cada vez mais. O mercado
hoje esteve fantástico de tão acolhedor. Só aquela sensa-
ção do munguzá!... Sentada no chão, era uma blusa branca
numa preta preta que levantando pra nós os dentes e os
olhos e as angélicas da trunfa, tudo branco oferecia o bra-
ço estendido preto uma cuia envernizada preta donde saía
a fumaça branquinha do munguzá branco branco... Tenho
gozado demais. Belém foi feita pra mim e caibo nela que
nem dentro de uma luva (...)*

*Em Belém o calorão dilata os esqueletos e meu corpo ficou
exatamente do tamanho de minha alma (...)*

Percebamos a efetiva referência ao calor, o que nos faz retomar a metáfora do suor, a qual me referi anteriormente. Suor, *suar*, anagrama de *ruas*, ruas da suarenta Belém. Mas para finalizar nossa conversa, passo a referir-me a outro texto do autor de *Macunaíma* sobre Santa Maria de Belém do Grão Pará. Trata-se de uma das *Cartas a Manuel Bandeira* (a carta que traz Belém como assunto), que aqui não será transcrita pela evidente economia de espaço.

Esta carta, como percebemos, responde por uma cativante beleza estética, elucidativa neste momento em que os muitos olhares voltam-se para o estudos das cartas de escritores e artistas em geral⁵. Desculpem se transbordei-me tanto, transbordar-se — talvez — é um verbo recorrente em se tratando de Amazônia. Em verdade estou completamente *sarapantado*, enlaçado pelo estilo afetivo de Mário de Andrade.

Encerro sorvendo a possibilidade de, no olhar de um autor múltiplo, um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX, rever minha cidade. Nosso olhar reabre-se a cada momento de leitura que se faz nas falas arlequinais de Mário de Andrade.

⁵ Walnice N. Galvão e Nádia Gotlib organizaram para a Companhia das Letras *Prezado Senhor, Prezada senhora, estudos sobre cartas*, que vale a pena ser lido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLLE, W. A *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: Edusp, 1994.
- ANDRADE, Mário. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- _____. *O Turista Aprendiz*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- _____. *Balança, Trombeta e Battleship*. São Paulo: Inst. Moreira Sales/EdUSP, s. d..
- CHAVES, Paulo et al. *Belém da Saudade*. Belém: Secult-PA, 1996.
- DUARTE, P. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: HUCITEC, 1977.
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIEB, Nádia Battela (org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LOPEZ, Telê Ancona. *Mariodeandradiando*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- LIMA, Hidélbrando (org.). *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d.
- NUNES, Paulo. “Para a conceituação e a caracterização da literatura amazônica”. In: _____. *Movendo Idéias*. Belém: Ed. Unama, 1998.